Conversação VII ENAPOL

**Tema: O “Eu” e objeto olhar**

Coordenação: Margarida Assad

Membros do GT:

Ana Aparecida Rocha , Cleide Monteiro, Frederico Feu , Gisella Sette, Paula Borsoi, , Raquel Ferreira, Regileide Lucena, Suele Conde

**O Eu e o objeto olhar na Clínica do Sinthoma**

*Tenho ilustrado através do campo escópico a divisão do sujeito e disse da posição do analista, que a formação do psicanalista tem como objetivo, que nasçam no mundo, que venham ao mundo sujeitos para os quais a divisão do sujeito seja algo, uma divisão na qual pensem.*

*Lacan - Seminário XIII[[1]](#footnote-1)*

 “Não posso sair da empresa onde trabalho”. Esse é o pensamento que devasta a paciente depois do socorro que prestou a uma amiga do trabalho que tentou o suicídio. Ela a leva para casa, cuida, a alimenta e, quando vai lhe levar de volta a sua casa veio esse pensamento. Vê-se muito confusa, pois há alguns anos vem trabalhando sua saída do trabalho pela via da aposentadoria, sem conseguir sair do emprego. Quando criança era muito quieta, não dava trabalho à mãe que estava sempre triste, pois havia perdido uma filha com menos de um ano e que nascera antes de minha paciente. Nutria por essa irmã que não conhecera um carinho muito grande e fazia dela uma irmã real com quem conversava e brincava. “Ela sim era minha família”, afirmou. A mãe não lhe olhava, e ela por sua vez, se fazia de invisível aos olhos da mãe e dos demais familiares.

Recentemente lhe veio outro pensamento: “meu emprego não precisa de mim”, e por essa via consegue tomar a decisão de pedir sua aposentadoria, ao preço de um desânimo com a vida.

Esse percurso analítico me permitirá abordar a questão do tema de nosso GT: *O “Eu” e objeto olhar.* A escuta dessa paciente me faz pensar que seu *Eu* sempre esteve marcado por falta do investimento libidinal do olhar materno que se dirigia para o objeto perdido da filha que morrera. A solução sintomática que Renata- nome fictício que a darei - encontra é pela via de tornar-se um objeto inerte, sem demandas, sem voz nem sentimentos, em suas próprias palavras. Tornou-se uma boa mãe, uma vez que a função materna lhe permitia permanecer com o dom de oferecer um desejo de oblação ao outro se dedicando aos filhos e ao trabalho, dirigindo seu próprio olhar à falta que encontra em seus semelhantes.

Para avançar na questão do fundamento do Eu no ensino de Lacan parto de um segmento do Seminário 16 De u*m Outro ao outro*, que por datar de 1968 localiza um momento de transição de seu ensino. Neste Seminário nos encontramos com um Lacan da lógica onde a inconsistência do Outro adquire feições derivadas do discurso matemático. Para ele um discurso sem sentido no qual falta uma garantia de verdade. Lacan, apoiando-se na Aposta de Pascal, vai subverter a indagação pascalina se Deus existe ou não. Ele nos diz que a questão embutida em toda indagação é se o *Eu existe*. E, prosseguindo, Lacan se interessa em definir o que é o Eu o diferenciando do sujeito do significante. “A verdade diz Eu. Com esse Eu o que acontece? Aqui, o Eu deve ser distinguido do sujeito, tal como podemos reduzi-lo a função de corte, impossível de distinguir da chamada função do traço unário, no que essa isola uma função do Um apenas único, e apenas corte na numeração. No entanto, o *Eu,* não está nada assegurado, pois poderíamos dizer que ele *é* e que ele *não é*, conforme ele opere como sujeito, e, operando como sujeito, se exile do gozo, o qual, não entanto, não é menos *Eu”[[2]](#endnote-1)*.

Neste trecho do Seminário 16 encontro vários elementos que apontam para o que Lacan nos ensinou sobre o Eu na primeira parte do seu ensino, assim como também abre as perspectivas do que virá a trazer sobre o Eu no final dele. Neste Seminário Lacan está fazendo uma transição importante na sua clínica, me interessando aqui no que ele aponta sobre o Eu e o objeto a. Destaco um ponto que me instiga pesquisar e me pareceu ser essencial: *o Eu pode funcionar como sujeito, e como tal não é menos Eu, embora se exile do gozo.*

O que pretendo destacar trazendo esse breve comentário é no sentido de tirar alguma consequência para o que vai ocorrer com o Eu no percurso de uma análise. Como pergunta Lacan, com o Eu o que acontece? Acontece em um primeiro momento dele se dividir diante do olhar do Outro, um olhar que Lacan destaca como *Tu-ant* (o que mata). No campo do Outro o que o Eu encontra é um vazio de significação que pode ser experimentado como *Tu me matas,* levandoo Eu a se dividir entre um Eu saber como Outro, *e um Eu do gozo.*

Lacan também ensina nesse capítulo do Seminário 16, que... “o fiador do desejo do Outro, como seu suporte imaginário (...) é a fantasia, onde reside, embora encoberta, a função do Eu”. [[3]](#endnote-2)

1. A Clínica do Sinthome:

Lacan, no que se convencionou chamar de *‘O último Lacan’*, nos orienta para uma clínica que subsiste aos efeitos de época. Trata-se da Clínica do sinthome. “Dito de outro modo, a chamada nova clínica psicanalítica é uma teoria do incurável...”[[4]](#endnote-3)

Com essa nova clínica surgiram os conceitos de parletre ( falasser) , de inconsciente real, acontecimento de corpo, sinthome, escabelo.

Abordar o Eu e o objeto olhar no contexto dessa nova clínica requer pensar o que Lacan anunciava desde o início de seu ensino sobre a função do *je* ( sujeito do insconsciente) e do moi como eu imaginário, o outro,( i (a)). Gostaria de fazer uma distinção teórica entre a divisão subjetiva e o destino para o Eu.

O Eu subsiste no ensino de Lacan desde o Estágio do Espelho até a clínica do sinthome. No momento do Estádio do Espelho Lacan aponta a assunção jubilatória da imagem especular da criança diante do espelho como “a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal sua função de sujeito.”[[5]](#endnote-4) É pela via da imagem especular do corpo da criança sustentada pelo olhar do Outro que vemos surgir a formação do Eu. Estamos com Lacan de 1949.

Em 1960, após seu Seminário sobre as Formações do Inconsciente, resultado do que se produziu com os chistes, Lacan elabora seu grafo do desejo. Embora seja o desejo o que é posto em questão, Lacan está interessado pelo que acontece ao sujeito subvertido pela cadeia significante. O eu se constitui aqui não como Eu de um discurso, mas como metonímia de uma significação.

De volta ao Estádio do Espelho Lacan nos demonstra pelo jogo especular da imagem do Eu refletida no espelho, que é necessário a extração do objeto olhar para que o campo da realidade se estabeleça. Ou seja, para que a formação do Eu imaginário ocorra é necessário que a criança crie um véu sobre esse olhar materno, algo que vele o nada obscuro por trás dele, véu denominado *objeto olhar.*

Na tentativa de elucidar o caminho percorrido por Lacan acerca do Eu vemos que há 1) um uso indiscriminado do Eu e do sujeito/je no ensino de Lacan, ora sujeito do inconsciente e representado pelo significante, ora um Eu agente do discurso, 2) há o eu/moi aquele da identificação com o outro e presente no eixo imaginário, e 3) há o Eu que Lacan começa a postular como efeito de lógica e fora do discurso, a partir do Seminário 16, *De um Outro ao outro,* e do qual ele sugere que se interrogue se ele existe ou não. Ou de uma forma mais direta, Lacan se pergunta: “Será que existe Eu?”.[[6]](#endnote-5)

Neste Seminário Lacan faz uma convocação a Pascal em auxílio da confirmação da existência do Eu e do Outro. Tanto um como outro são dedutíveis pela lógica pascalina, diz Lacan, é preciso *saber se o Eu existe*.

A noção de escabelo, abordada por Miller no texto que anuncia o próximo Congresso da AMP, vem ao encontro de uma possível aproximação para o lugar do Eu na clínica do sinthome. Temos cada vez mais nos dirigido para o corpo dos falantes e para seu gozo. Para o gozo não há sujeito, ao contrário do que ocorre com o sentido. Assim na travessia da fantasia, ao se separar sentido e gozo, faz-se necessário um destino para o sujeito separado de seu gozo. Miller no seu Curso, *Os Signos do Go*zo, faz uma referência ao que aconteceria ao sujeito após a travessia do fantasma. Ele destaca que Lacan anuncia uma categoria diferente de sujeito para aquele que atravessa a fantasia, uma categoria que engloba o indivíduo e seu corpo na ordem de um sintoma. Miller aponta a nomenclatura do LOM e afirma que Lacan criou uma outra categoria em série com o sintoma que é o escabelo. “Se se quer, o escabelo é outro nome da *montadura* do fantasma, daquilo sobre o qual o homem pode montar-se para fazer-se valer.”[[7]](#endnote-6)

Minha questão aqui é pensar como definir o sujeito do significante numa clínica onde o sintoma não é considerado uma significação, mas um acontecimento de corpo, e o significante é um semblante. Será que a produção de um escabelo entraria aqui como uma montagem de um outro Eu sobre a fantasia?

E ainda: Qual o destino analítico, senão deixar vazio o campo do Outro que não pode responder pela verdade do sujeito e aí esperar por uma nova montagem?

III - O objeto e o olhar:

Considero importante situar- assim como ocorreu com o Eu- o lugar do objeto olhar no pensamento de Lacan. Sabemos que a função de objeto já havia sido destacada por Freud no desenvolvimento da libido e dentro de certa cronologia. Os objetos oral, anal e genital têm funções específicas no desenvolvimento libidinal dentro de uma regulação cujos lugares são: fonte, alvo e direção. Foi Lacan quem introduziu na Psicanálise os objetos olhar e voz. Segundo Miller esses objetos só foram introduzidos a partir de uma clínica estrutural onde prevalecia o inconsciente como linguagem. A clínica dita estrutural permitiu uma nova categoria de objeto.

Fazer entrar tais objetos na Psicanálise resultou também da clínica das psicoses, onde tanto o objeto olhar como a voz têm um caráter de exterioridade em relação ao sujeito e não obedecem a uma cronologia, não podem ser incluídos em fases.

Desta forma o objeto olhar pertence a uma categoria de objetos vazios, sem substância nem definição. O olhar não faz parte do órgão da percepção e sua função não é perceber o mundo, mas definir, circunscrever um vazio, uma opacidade característica do lugar de onde se é olhado, tal como a estória da lata de sardinhas trazida por Lacan no Seminário 11.

“O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, na falta constitutiva da angústia de castração.”[[8]](#endnote-7)

Lacan faz uma comparação que sempre me tocou a respeito da relação entre esse objeto olhar e o sonho, pois neste o sujeito não se vê, marcando aí sua posição de fora da simbolização uma vez que no sonho trata-se de uma imagética. Essa comparação entre o sonho e o olhar é feita pelo sonho de Chuang-Tsé que sonha ser uma borboleta e quando acorda não sabe se é um homem que sonha ser uma borboleta ou uma borboleta que sonha ser um homem. Para Lacan não há a prova da garantia de quem se é, o que resulta da impossibilidade de se receber do Outro essa resposta, uma vez que o Outro não existe, e de que Chuang Tsé sendo uma borboleta e estando acordado, não lhe vem a ideia de se perguntar se, quando ele é Chuang Tsé acordado, ele não é a borboleta que ele está sonhando ser. Diz-nos Lacan, “*porque no sonho ele não é borboleta para ninguém”.*

A consequência da elaboração lacaniana sobre o olhar através do sonho foi o caminho escolhido para ensinar que este objeto funciona como causa de desejo e que este está além da fisiologia corporal do olho.

Encontramos na literatura diversas obras que demonstram o lugar do olhar como causa para o desejo e como semblante da angústia fundamental do humano. Trago em particular a obra de Georges Bataille, *A História do Olho.* Um texto escrito na primeira pessoa, com teor erótico sobre a relação de dois jovens que se permitem realizar todas as fantasias de desejo tendo como fio condutor o Olho e suas declinações ( em ovo e em formas esféricas como o Sol e seus efeitos de liquefação). Para Roland Barthes: “Todos esses significantes “escalonados” remetem a um significado estável e tão mais secreto por se achar sepultado sob uma arquitetura de máscaras?”[[9]](#endnote-8)

No texto de Bataille o olho serve de metáfora para o gozo sexual experimentado pelos parceiros, o autor e sua amiga, a exemplo do momento de uma brincadeira erótica em que ela quebra ovos com o ânus sob o olhar de desejo de seu parceiro. Mas, neste texto, o olho também é a metáfora da fraqueza do pai, cego e doente que urinava na sua frente o mirando com seu olho branco de cego, provocando angústia e horror. Vemos como o escritor, - devasso assumido, filósofo e homem angustiado, - recorre a esse objeto para nos aproximar de uma pulsão que na Psicanálise chamamos de escópica e que tem como alvo aquilo que não se pode ver e que é causa de angústia.

Sonho, fantasia e realidade se misturam na obra literária e na vida. Se na vida de vigília não se pode ver além do olhar a não ser na experiência da angústia, ou na elaboração onírica, na literatura Bataille se permite escrever sobre o que ele chama de inorgânico procurando levar o leitor além da defesa do olhar, que vela o erótico e a morte, e, como disse Roland Barthes, formam uma *arquitetura de máscaras* que sepultam um significado secreto. O próprio Bataille é quem afirma: *O sentido último do erotismo é a morte.*

O que podemos ler na escrita de Bataille , com seu erotismo explícito, é o que há de sem-sentido no humano e que o aproxima do inumano. Penso que, ao contrário de outro escritor de quem Lacan se utilizou bastante, James Joyce, para dizer que seu escrito se mantém na letra, revelando o sem-sentido da estrutura de linguagem da qual somos tributários enquanto falasser, em Bataille o sem-sentido é da impossibilidade da relação sexual. Trata-se da impossibilidade de ir além do olhar, mesmo que o deglutindo no real ou o amassando pelos genitais, como fizeram com o olho de uma de suas vítimas. O que vemos em Bataille é o olhar enquanto revelador do que há de mais angustiante ao humano que é a impossibilidade de dar um tratamento que não seja pela via sublimatória à impossibilidade da relação sexual e à experiência da morte.

1. O Eu e o objeto olhar:

A partir das considerações anteriores acerca do Eu e do objeto olhar pretendo concluir esse trabalho fazendo uma elaboração sobre a função do Eu para o falasser, uma vez que é dele que nos ocupamos cada vez mais na clínica atual.

O que é o falasser? Ele surge em Lacan a partir de uma concepção do inconsciente como algo além de um saber recalcado. Ele é resultado de uma clínica cada vez mais topológica e separada de uma subordinação ao significante. Assim, o falasser permite que se leia o sintoma como uma experiência de língua e não de linguagem.

O sujeito, enquanto representado pelo significante não deixa de se fazer presente nesta clínica, mas ele não dará mais conta dos efeitos da travessia de uma fantasia quando sentido e gozo se separam. Ele está nela, como um Eu oculto como nos disse Lacan no seminário 16.

Teremos cada vez mais que lidar com algo que a estrutura da linguagem não dá conta e que Lacan nos legou como sinthoma, aquilo que há de incurável. Também no sinthoma nos perguntamos se o sujeito desapareceu, se nele não há lugar para o sujeito ou o Eu. Miller nos diz que em relação ao sinthoma *o sujeito se move na periferia*.[[10]](#endnote-9) E que o ser de sinthome não está no *objeto a,* mas em uma montagem. [[11]](#endnote-10)

No caminho da experiência de uma análise o fantasma ocupa o lugar onde sentido e gozo se enodam, o que não significa que na fantasia o gozo opaco do sinthoma não esteja presente. E aí destaco o ponto onde vejo uma possibilidade de se pensar um destino para o Eu do falasser.

No ápice de seu ensino Lacan centrava a operação analítica sobre o fantasma, o fraturando em sentido e gozo. Mas, lembra Miller, no fantasma há sujeito e, nele, o sujeito aparece elevado, trazendo aí a nomeação feita por Lacan sobre essa operação: escabelo. “Mais adiante, o sujeito aparece elevado sobre seu fantasma ( Lacan falará mais tarde, ao final de seu ensino, de um escabelo), e a perspectiva é fazê-lo cair desse fantasma e, por conseguinte, destitui-lo como sujeito.”[[12]](#endnote-11)

Escabelo, S.K.beau, S.K.belo, como grafou Lacan em *Joyce, o Sintoma*, é também consequência de se ter um corpo, nos diz ali Lacan, *um corpo onde sobrevêm acontecimentos.* Lacan nos diz que o *“S.K.belo é aquilo que é condicionado no homem pelo fato de que ele vive do ser (= esvazia o ser) enquanto tem...seu corpo.”[[13]](#endnote-12)* Ter seu corpo, é fazer algo com ele, portanto temos um corpo e um agente sobre ele, que se diferencia do sujeito do inconsciente. Penso que o exemplo da Escrita do Ego feita por Joyce, segundo Lacan, e que vem a reconstituir a cadeia borromeana rompida em sua estrutura, seria um bom exemplo para o Ego presente no escabelo, e que poderá sustentar um corpo não mais submetido ao gozo opaco do sinthoma uma vez que o passe o libera.

A montagem feita como um escabelo poderia ser uma nova definição para a sublimação no contexto da clínica do sinthoma, uma vez que em seu cruzamento com o narcisismo, como disse Miller, traz o corpo e o olhar de volta à cena. Há que ser belo!

Retorno à clínica da paciente que abordei no início do texto e que demonstra melhor o que penso sobre o lugar deste Eu. Em uma das suas últimas sessões, ao se referir à irmã morta que a antecedeu diz, *ela veio depois de mim*. Faço uma escansão na sua fala e aponto seu lapso, dizendo: então você se coloca como vindo antes dela? Como aquela que morreu e ela, a irmã viva, com quem brinca? Ela um pouco confusa diz, *Eu fiz isso*?

Creio haver aí algumas localizações no sintoma. Há aquele sujeito do significante que submetido à letra de gozo transmitida pelo olhar morto da mãe a faz ocupar o lugar de sem-desejo e objeto da demando de outros, e há também aquele que diz: *Eu fiz isso*? Apontando que há um agente que tem um corpo e, não o sendo, poderá se *escabelotar[[14]](#endnote-13)* com ele, .

Concluo com Lacan: “*Deixemos o sintoma no que ele é: um evento corporal ligado a que: a gente o tem, a gente tem ares de, a gente areja a partir do, a gente o tem.”*[[15]](#endnote-14) ( *No original: l’on l’a, l’on l’a de l’air, l’on l’aire, de l’on l’a*.)

A gente o tem, nos diz Lacan, quem é esse *a gente* – *agente*  sobre o corpo*?*

**Notas:**

1. *Citação de Miller, J.A. Las cárceres del goce. In Imagenes e Miradas, Collecion Orientacion Lacaniana. Publicação da EOL.1994, p 32 . Tradução livre.* [↑](#footnote-ref-1)
2. Lacan, J. O Seminário, Livro 16. Pg 98. Jorge Zahar Ed. [↑](#endnote-ref-1)
3. Id, Ibd. pg 100 [↑](#endnote-ref-2)
4. Miller, J. A . Sutilezas Analíticas. Curso de J. A. Miller. Paidós. Buenos Aires. Pg 15. ( tradução livre) [↑](#endnote-ref-3)
5. Lacan, J. O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica. Escritos. Jorge Zahar Editor. P 97. [↑](#endnote-ref-4)
6. Id, Ibd. P 134 [↑](#endnote-ref-5)
7. Miller, Los Signos del Goce. Paidós. P 444 [↑](#endnote-ref-6)
8. Lacan, J. O Seminário, Livro 11. Jorge Zahar Ed. 1ª edição. [↑](#endnote-ref-7)
9. Barthes, R. A Metáfora do Olho. In http://manuelaraujo.org/txt/Historia%20do%20Olho%20-%20Georges%20Bataille%20(1).pdf [↑](#endnote-ref-8)
10. Miller, Sutilezas Analíticas. P 162. [↑](#endnote-ref-9)
11. Id, Ibd. P 162 [↑](#endnote-ref-10)
12. Ibd, p 161. Tradução livre. [↑](#endnote-ref-11)
13. Lacan, J. Joyce, o Sintoma. Outros Escritos. Jorge Zahar Ed. P. 561 [↑](#endnote-ref-12)
14. Lacan usa esse termo para se referir ao que Joyce sabe fazer com seu corpo. In Joyce, o sintoma, op cit. [↑](#endnote-ref-13)
15. Lacan, Id, ibd: nota do livro: No original: “l’on l’a, l’on l’a de l’air, l’on l’aire, de l’on l’a.” em que o refrão entoa uma lalação.

**Bibliografia Consultada**:

Alvarez, P. Escabelo. In Papers n.1. 2014-2016

Bassols, M. Tu yo no es tuyo. Tres Haches. 2011. Buenos Aires.

\_\_\_\_\_\_\_\_ O Império das Imagens e o Gozo do Corpo Falante. Texto de orientação ao VII ENAPOL- o**imperiodasimagens**.com.b

Bataille, G. A História do Olho. [http://manuelaraujo.org/txt/Historia%20do%20Olho%20-%20Georges%20Bataille%20(1).pdf](http://manuelaraujo.org/txt/Historia%20do%20Olho%20-%20Georges%20Bataille%20%281%29.pdf)

Brousse, Marie-Hélène. Corpos Lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho. In Opção Lacaniana online. Ano 5. Número 15.

Imagenes y Miradas. Colección “Orientacion Lacaniana”. Publicación da EOL. 1994. Argentina

Freud, S. Os instintos e suas vicissitudes. 1915. Obras Completas. ESB. VOL XIV. Imago. RJ.

\_\_\_\_\_\_\_ Psicologia de Grupo e a análise do Ego. 1921. VOL XVIII

Lacan, J. O Seminário, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. 1985. 1ª edição.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Livro 16: de um Outro ao outro. 2008.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Livro 19: ou pior. 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Livro 23: O Sinthoma. 2007

Lacan, J. Escritos. Jorge Zahar Ed. 1995. Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Outros Escritos. Jorge Zahar Ed. 2003

Laurent, E. Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. Texto de apresentação do VI ENAPOL. www.enapol.com/pt/template.php

Miller, J. A. Los Cursos Psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Paidós. Buenos Aires.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Los signos del goce. 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Piezas sueltas. Paidós. 2013

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Sutilezas Analíticas. 2011

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_O Inconsciente e o corpo falante. Texto de apresentação do X Congresso da AMP. [www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp](http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp)

Santiago, A. L. Rumo ao VII ENAPOL- O Império das Imagens. oimperiodasimagens.com.br

 Tarrab, M. O Olho Bulímico e o Lobo. Texto preparatório VII ENAPOL. oimperiodasimagens.com.br

Vieira, M. A. Sujeito, objeto e corpo: quem fala? Texto preparatório VII ENAPOL. oimperiodasimagens.com.br

Wajcman, G. La frontera de lo íntimo. In El Caldero de la Escuela. EOL. N 19. Ano 2012. [↑](#endnote-ref-14)